

Desejo de migrar: construindo uma teoria da migração a partir da multiplicidade

Isis do Mar Marques Martins^{ORCID}

Universidade Federal do Pará

Belém, Pará, Brasil

isismartins@ufpa.br

RESUMO

As migrações, como processo do real dado, possuem óticas e dimensões muito particulares e plurais: se pensarmos nas expectativas das migrantes e dos migrantes, teremos um conjunto de interpretações; se tratarmos sob a ótica do Estado ou da mídia, ou mesmo da sociedade como um todo, teremos novos olhares e novas perspectivas. O objetivo aqui é contribuir para novos e interpretações das migrações, primeiro, sob um olhar geográfico, segundo, sob a ótica da multiplicidade e terceiro, sob uma teoria social crítica do desejo de migrar. O desejo de migrar aqui é abordado a partir de sua construção inerentemente política, que impulsionam estratégias de mobilidade e permanência. Assim, pretende-se, sob um olhar espacial, compreender e avançar o debate das geografias das migrações superando dificuldades teóricas e metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: desejo; desejo de migrar; estratégias de mobilidade e permanência.

INTRODUÇÃO

Existem inúmeros jargões para tratarmos a mobilidade, ora no senso comum, ora no âmbito mais reflexivo do tema: “pessoas movem todos os dias”, “vivemos em movimento”, ou mesmo: “existe uma crise migratória”, “há uma crise humanitária para migrantes”. No geral, são expressões de um tema bastante complexo, mas que se apresentam para a sociedade a partir de inúmeros preconceitos.

É difícil, apesar dos esforços, traduzir o que é a experiência migratória de quem se mobiliza espacialmente. Há diferenças consensuais sobre as teorias da mobilidade no decorrer do espaço e do tempo, mas, como um dos expoentes da teoria migratória nos ensina: a experiência migrante nos move e move nossas barreiras mais profundas (Sayad, 1998).

A proposta aqui é um exercício reflexivo com a seguinte questão: Para onde podemos ir com as abordagens para se analisar a migração? Para tal, um esforço teórico se faz necessário, sem desconsiderar que a prática (e práxis) da mobilidade é o alicerce dos desdobramentos analíticos advindos das ciências humanas. Para o caso das migrações, a práxis precede sua discussão teórica.

Em trabalhos anteriores (Martins, 2018; Martins, 2019a; Martins, 2019b; Martins, 2022; Martins e Antunes de Assis, 2023), esse esforço teórico se apresenta para entender que as múltiplas linhas da ação de migrar implicam em transformações espaciais, regionais e territoriais significativas. Nesse sentido, este trabalho procura uma leitura mais nítida das múltiplas linhas que tecem o movimento, imbricadas no desejo de migrar às estratégias de mobilidade e permanência (Martins, 2019b).

Outros importantes trabalhos, dentro e fora da geografia, já exploraram o desejo de migrar. Ressalta-se que poucos abordaram nos parâmetros aqui utilizados, mas destacamos as contribuições de Collins e Carling (2019), Sirkeci e Esipova (2013) e Esipova e Srinivasan e Ray (2016).

Entende-se aqui desejo tal qual Deleuze e Guattari (1995, 2008a, 2008b, 2010a, 2010b), que constroem sua perspectiva em contraponto a ideia de desejo como falta e associada somente a um impulso da libido. Para os autores, a multiplicidade de ações subjetivas e coletivas potencializam as marcas, sobretudo espaciais, de como o desejo atravessa nossas escolhas, mas também as escolhas feitas à nossa revelia. Fica, em muitas situações, em evidência que o desejo de migrar possui uma complexidade para além de categorias e classificações delimitadas para os fluxos migratórios, e nos é cara essa compreensão para entendermos a diversidade de seus elementos constituintes.

O texto se divide em 3 partes: a primeira, os pressupostos teóricos que se alinham ao debate; a segunda, versa em como podemos apontar desejos e estratégias para os estudos migratórios, e por fim, sobre as práxis e/ou estratégias de mobilidade e permanência advindas do desejo de migrar.

Metodologia

Metodologicamente, foram utilizadas leituras fundantes sobre a teoria do desejo na psicanálise, psicologia, filosofia e geografia. Embora de cunho profundamente teórico, este artigo é base para o grupo Núcleo de Pesquisas Gentes e Cidades na/da Amazônia - NuGentes Amazônia, no qual atua frente aos estudos de migração, políticas migratórias e teoria da geografia da população e das migrações.

Para a leitura das bases da teoria migratória foram utilizados recursos de pesquisa e revisão bibliográfica, tais como Google Scholar, base Scopus e Wiley, além de bibliografia impressa e digital acerca dos pressupostos teóricos.

Cabe ressaltar que aqui trataremos do embasamento conceitual, que reverbera em metodologia conceitual. Não trataremos aqui de classificar os pressupostos e a operacionalização das abordagens migratórias, e sim quais contribuições epistemológicas para além podem nos refletir e analisar a realidade dos fluxos migratórios contemporâneos. No caso abordado, das teorias do desejo ao desejo de migrar enquanto produção do espaço, a partir de estratégias políticas e potenciais para migrantes e para a migração.

ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

O percurso teórico dos estudos migratórios se perfaz em múltiplas escalas. A geografia brasileira, por uma infelicidade, a utiliza pouco ou a desconsidera em sua maioria. Em trabalhos como os de Carling e Collins (2018), Collins e Carling (2021), assim como Aslany et al. (2021), Bailey (2018), Bernard et al. (2017), dentre outros na contemporaneidade, mesclam operacionalizações tanto quantitativas quanto qualitativas. A produção quali-quanti se põe um desafio para nossas plagas.

Apesar dos pesares, temos uma trajetória importante do aporte teórico e metodológico para se estudar migração que não devemos ignorar internacionalmente e com suas devidas proporções no Brasil. Aqui traremos algumas que, de alguma maneira, são ponte para nossa discussão.

O primeiro destaque atravessa a perspectiva clássica/neoclássica da migração, impulsionada por autores como Ravenstein (1885; 1889). Delas, a perspectiva de indivíduo e migração individual mais se aplica. Aqui entendemos que indivíduo não é o mesmo caminho que a migração subjetiva, ou do sujeito e seus processos de subjetividade, tal como Sayad (1998) em grande medida contribui, mas também os constructos de desejo que aqui traremos adiante.

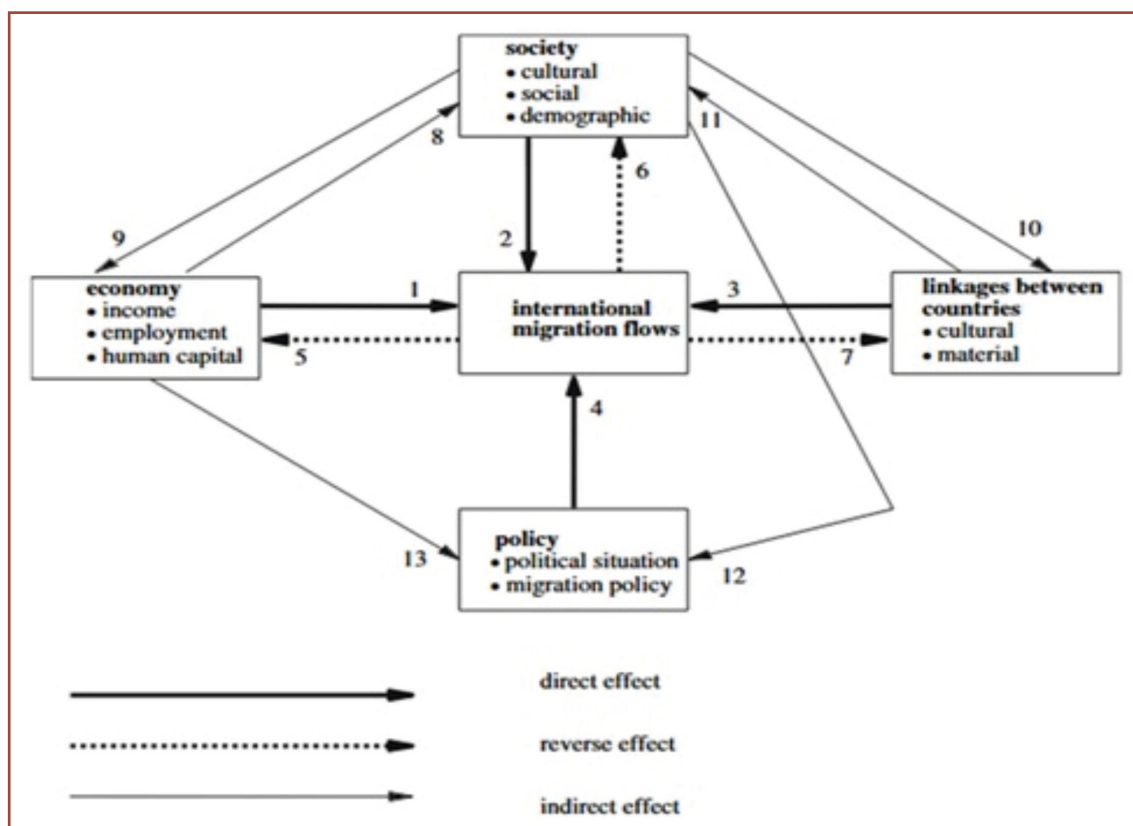
Destaco aqui Ravenstein e suas "*migration's law*", ou Leis da Migração. Rees e Lomax (2020) sintetizam essas leis da seguinte maneira: a hegemonia dos movimentos migratórios a curtas distâncias, seja executada "passo-a-passo", isto é, partindo de pontos próximos uns dos outros até chegar ao lugar de destino (de permanência), seja por um fluxo consolidado, que irá acarretar um movimento inversamente proporcional no futuro, o de retorno ao lugar de origem. Os fluxos migratórios acompanham uma cadência espacial e temporal, cujo principal ponto de chegada são os grandes centros urbanos. Outro ponto de destaque de Ravenstein é quanto a diferença dos fluxos de homens e mulheres: para ele, mulheres tendem a fazer migrações em curtas distâncias, ao passo que homens promovem fluxos a longa distância (Rees e Lomax, 2020; Benasse et al. 2020).

Alguns autores como Rowe (et al., 2021) enfatizam a importância dessa perspectiva clássica da teoria migratória até os dias atuais, com as devidas ressalvas teóricas e metodológicas, considerando aquilo já reverberado aqui: a teoria da migração não precede o movimento em si. Contextos locais e globais influenciam grandes transformações da e na mobilidade, acarretando quebras significativas de modelos racionais (Sassen, 1996). Da mesma maneira, descaracterizar o trabalho das abordagens clássicas e neoclássicas sem considerar com outros arcaísmos pode ser um risco e uma escolha perigosa. Não é nova, como já tratado, a importância da análise conjunta entre o qualitativo e o quantitativo, que infelizmente pouco se traduz na geografia da população e das migrações no Brasil.

Já Jenissen (2007) a partir de Douglas Massey et al. (1998) aponta que existem dois troncos teóricos para a migração: as teorias que analisam o início do fluxo, a partir das articulações e das habilidades que motivam a migração, e àquelas que tratam da continuidade e contiguidade do processo de mobilidade. É necessário, para o autor, cuidado na leitura espacial e temporal do fenômeno migratório a ser analisado, e que a teoria das redes migratórias permite um detalhamento dos processos passados, presentes e futuros constituídos no fluxo a ser estudado (Jenissen, 2007).

Outras perspectivas, como a do capital-trabalho, que reforça as relações econômicas e laborais na decisão de migrar; teoria da escolha racional, que aponta as tendências de mobilidade no espaço e no tempo; a teoria dos sistemas globais e redes migratórias alicerçam o conjunto de paradigmas de análise dos fenômenos migratórios, em sua complementaridade. Aqui reforço que é muito comum o uso de mais de uma abordagem na leitura da migração. Em um exercício de sintetização das teorias migratórias, Jenissen elabora duas representações que sintetizam as principais teorias utilizadas:

Figura 1 – Estrutura teórica para migração internacional, conforme Jenissen (2007)



Fonte: Jenissen, 2007

No box central, temos o fluxo migratório a ser estudado, acima os aspectos da sociedade (envolvendo relações culturais, sociais e demográficas) e abaixo os aspectos políticos (situação política e política migratória). Ao passo que no lado esquerdo temos os aspectos econômicos (renda, empregabilidade, capital humano) e no box direito as relações diretas entre o lugar deixado e o país de destino (capital cultural e material). Os vetores indicados pelas setas (efeito direto, reverso e indireto) sinalizam como os aspectos influenciam ou não as abordagens teóricas, a depender do foco a ser utilizado.

Nesse sentido, as teorias para compreender os fluxos migratórios não partem de um sistema fechado nem cadente, já que a realidade não o é. Processos distintos, da mesma maneira, trazem distintas complexidades e promovem perspectivas teóricas que podem ser mescladas e combinadas, a depender dos principais fatores condicionantes.

No Brasil, destaco as contribuições como as de Singer (1998), ao apontar fatores de estagnação e mudança que promovem fluxos migratórios na escala nacional e Rossini (1975) ao compreender a mobilidade de mulheres atravessam uma fonte importante, mas delimitada pelo tempo e jornada teóricos de seus pressupostos. Mais recentemente Bomtempo (2021), Martins (2022) e Santos (2017) tratam do Estado, seja ele brasileiro ou na ótica global e as relações entre migrantes no Brasil via redes espaciais e internacionais dinamizam a construção de novas geografias da migração.

Ainda no Brasil, a influência da escola sociológica francesa é relevante para entendermos a disseminação do pensamento estruturalista francês. Ao analisarmos a perspectiva de desejo e sobretudo a de aspiração utilizada na literatura sobre migração (Collins e Carling, 2019; Sirkeci e Esipova, 2013; Esipova e Srinivasan e Ray, 2016), a tendência é de utilizar os pilares estruturalistas anglo-saxões, sobretudo de Antony Giddens (Giddens, 2000; Bakewell, 2010) à luz da teoria da estruturação. Nela, e diferente, das abordagens francófonas, a ação é motor das engrenagens sociais.

Em linhas gerais, portanto, as bases conceituais dos autores partem do estruturalismo francês. Em outra oportunidade (Martins, 2024), apontei alguns elementos que diferem o estruturalismo francês do anglo-saxônico, e que promovem conceitos distintos de agência e agenciamento. Se para Deleuze e Guattari a estrutura precede a ação, e os agenciamentos são respostas da estrutura produtiva do desejo, para Antony Giddens ocorre o oposto, a ação precede a estrutura, formando potenciais *agencies*, presentes na sociologia anglófona de maneira recorrente. Mas ambos os conceitos se complementam e formam uma tríade: agenciamentos no sentido literal, agenciamentos precedentes da estrutura e consequentes a estrutura como um sistema amplificado (Martins, 2024).

Em trabalho anterior, fizemos uma síntese das abordagens mais utilizadas para se trabalhar com processos migratórios na geografia brasileira (Martins, 2021). Neste trabalho, dividimos em: abordagens clássicas/neoclássicas, histórica, materialista histórica, sociológica (estruturalista francesa e anglo-saxã), diaspórica e as reflexões de território e migração, além do desejo e da

aspiração por migrar. Nos interessa, para além do arcabouço teórico, como se opera a prática conceitual, e, portanto, a práxis conceitual em relação a práxis do migrar.

Nesse sentido, aqui se desdobrará em como operacionalizar a teoria, na perspectiva da escola francesa, para alguns chamada de pós-estruturalista, que trata do desejo, e como podemos transpô-la a práxis do migrar. Para falarmos desse desejo, se faz necessário compreender seus pressupostos críticos, isto é, de onde nasce a sua antítese, que decorre do pensamento psicanalítico. E como exercício, como transpô-lo ao pensamento geográfico?

FUNDAMENTOS MAIS UTILIZADOS PARA TRATAR DO DESEJO: A PSICANÁLISE

Para falar de desejo nas humanidades, principalmente na filosofia e psicologia, há uma seara nada consensual. Deleuze e Guattari (1995, 2008a, 2008b, 2010a, 2010b), Guattari (1987) e Deleuze (2010) se propõem a uma crítica a ideia de desejo cristalizado, encaixotado pela matriz metafísica de pensamento, no que estabelecem uma conversa dura com a psicanálise, e principalmente com a primeira leitura de Sigmund Freud sobre o desejo. Daí a análise profunda sobre as bases psicanalíticas e sua própria práxis: o *setting analítico* (o consultório com o divã), as *conversas preliminares* (a aceitação e o acordo analista: sujeito do suporte saber e analisando), dentre outros elementos cruciais. Propõem também novas perspectivas de processo terapêutico, mas sobretudo processo político de análise do mundo, com a *esquizoanálise*.

O desejo perpassa as críticas porque é nele que se baseia toda a teoria freudiana de inconsciente. Não significa que houve um avanço na construção do desejo no desenvolvimento da teoria psicanalítica, embora Deleuze e Guattari apontem o contrário. Mas é notório que o próprio Freud (1972), no fim da vida, repensa alguns de seus pressupostos.

Para a geografia, seu epicentro epistemológico atual é entender o mundo e suas relações sociais a partir do espaço; a ideia de região cerceia porque a forma como separamos e construímos critérios de análise é uma forma de regionalização; em seguida podemos analisar a partir do que vemos no presente vis-à-vis; a paisagem, aquilo que observamos e guardamos para representar também dentro de descargas libidinais; aquilo que nos causa afeto e sensações, sentimento, que é o lugar ou que é estabelecido por relações de poder; o território.

Freud divide as camadas das subjetividades em tópicas. Ao destrincharmos as tópicas freudianas: consciente, pré-consciente e inconsciente, seguidos de Id, Ego e SuperEgo, e compreendermos nosso corpo como nosso primeiro território, podemos relacionar que a manifestação das pulsões e os ligamentos que promovem atitudes, pensamentos, defesas e repressões está intimamente relacionada com o espaço imbricados no significado de desejo para a psicanálise.

Primeiro, porque a atuação do aparelho psíquico atende uma dinâmica entre o que acontece no presente a partir de suas relações com o passado, a categoria tempo, em manifestação no presente, onde essa manifestação é material, isto é, na ocupação da matéria com o corpo: o espaço.

Outro processo relevante do desejo é a relação da transferência e resistência, que julgo fundamental para compreensão das espacialidades do aparelho psíquico, se dá no par e setting analíticos, onde essa relação é mais notada e, por isso, central para a psicanálise. Ainda conforme Freud, no livro *Interpretação dos sonhos* (1900-1901) o papel do psicanalista é não interromper a livre associação a partir das amarras do analista, mas sim contribuir com o desvendamento dos mecanismos de defesa para elaborar as repressões.

Também, o sonho para Freud tem extrema importância na manifestação do inconsciente e no seu funcionamento aliado às barreiras criadas pelos mecanismos de defesa: transferência e resistência presentes também nos sonhos. O sonho, dessa maneira, é a realização de um desejo construído dentro da descarga pulsional de um representante psíquico, porque sua análise indica um desejo reprimido e/ou recalçado.

Segundo é que ainda que Freud aponte o inconsciente livre de amarras de compreensão entre espaço e tempo, o espaço na análise geográfica pode ser aquele incompreendido, por ser uma categoria abstrata (diferente do que se concebe em outras ciências, sejam sociais ou não). Ao se tratar das representações, muito presentes na psicanálise, as inscrições mnêmicas e suas manifestações por pulsões e descargas libidinais têm marcas profundas nas espacialidades subjetivas. A própria definição de representação da coisa, ainda que considerada atemporal e a-espacial, produz espacialidades quando cria, e é nessa criação que ocorre uma inscrição manifesta, e se é manifestada, é espacial. Isso significa que a elaboração dos pensamentos oníricos passa pelas instâncias psíquicas, e que a elaboração inscreve. Inconsciente e desejo se vinculam, e este desejo surge como um acontecimento tópico ora da ilusão, ora do exagero.

Terceiro, ao analisarmos a fundo a tópica Ego enquanto suporte à própria individualidade, a elaboração e promoção de maior autonomia individual requer pensarmos nas subjetividades que são demarcadas por territórios, isto é, por relações de poder no espaço. Essas territorialidades são fundamentais para entendermos o que conseguimos resolver como nossos mecanismos de defesa, constructos da categoria tempo, muito presente na teoria freudiana. Construimos territórios com egos bem trabalhados e bem resolvidos em determinadas escalas, mas na imensa maioria das vezes, e conforme complexificamos as necessidades e os desejos, afugentamos paradoxalmente aquilo que queremos como forma de proteção, e o desejo aí se prende ora no inconsciente, ora no excesso do que falta.

Da mesma maneira, as manifestações do Id quando fugidias aos possíveis gerenciamentos do Ego, criam espaços de alheamento e novas representações que não conseguimos muitas vezes enxergar, e que produzem realidades diversas, paisagens diversas. A chamada fase de latência é crucial para construirmos identidades alicerçadas nas nossas espacialidades ou produtoras de territorialidades do desejo, ou alicerçadas num Ego fugidio, que se liga aos desejos que não são nossos.

É notório que a disseminação rápida de informações, a compressão espaço tempo, o repasse de conhecimentos e sua leitura global, há também uma série de práticas e integrações da psicanálise com áreas consideradas mais rígidas e conservadoras. O próprio avanço da psicanálise permitiu uma série de inovações nos estudos da neurologia e neurofisiologia, bem como na área da neuropsicologia. Permitiu também um aprofundamento maior da visão de determinados transtornos e ascendeu novas discussões, inclusive sobre o desejo atravessado pelas tópicas psicanalíticas.

O DESEJO ENQUANTO PRODUÇÃO: UMA LEITURA A PARTIR DE GILLE DELEUZE E FELIX GUATTARI

Em contraponto, o *core* da crítica deleuze-guattariana é que o desejo se mantém amarrado na teoria psicanalítica, ao definir as tópicas e as fases da sexualidade, ao passo que estabelece o desejo a partir e somente do sexual, da libido, da relação entre pares. Nos livros *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs* (da série *Capitalismo e Esquizofrenia*), Deleuze e Guattari defendem uma outra perspectiva de desejo.

Para eles, e esse é o mais importante de seus pressupostos, o desejo é produção, no que difere da psicanálise que o vê como representação. Atra-

vessa o que é definido como sínteses da produção desejante: a síntese do consumo de produção; a síntese conectiva e a síntese produtiva. Elas se ligam ao processo produtivo, e não à toa, o sistema fabril, ou o modo de produção fabril capitalista foi tão importante na colagem do desejo.

Em primeiro, a Síntese conectiva, aonde o desejo é um conjunto sem ordenamento específico no nosso corpo, que não tem preocupação de alinhamento ou organização (platôs). Em segundo, a síntese disjuntiva, quando a produção do desejo se organiza e se define, ou hierarquiza (rizomas); e em terceiro a síntese conjuntiva, aonde o desejo se articula a um sentimento, a um processo, a uma falta, ou qualquer elemento que transforma o desejo em, de fato, desejo (des-re-territorialização).

Pari Passu, os autores argumentam que o processo de produção do desejo vai além da representação e da falta (pressupostos psicanalíticos) e sim ele atravessa o corpo, cujas propriedades são a princípio desalinhadas, além de referências territoriais materializadas pelas relações sociais, e sobretudo espaciais, mas que se organizam à produção do desejo sob múltiplos elementos.

Só a categoria de multiplicidade, empregada como substantivo e superando tanto o múltiplo quanto o Uno, superando a relação predicativa do Uno e do múltiplo, é capaz de dar conta da produção desejante: a produção desejante é multiplicidade pura, isto é, afirmação irreduzível à unidade (Deleuze e Guattari, 2010a, p. 62).

Em resumo: o desejo não é produto do inconsciente, mas vai além da própria existência, sendo inerente a ela. Isso concebe seu status no tangível/real, e intangível/imaterial, o que distingue seu conceito na psicanálise, que promove o desejo somente a partir do lugar do inconsciente, ou da geografia das tópicas.

A produção desejante está desde o início: há produção desejante desde que haja produção e reprodução sociais. Mas é verdade que as máquinas sociais pré-capitalistas são inerentes ao desejo num sentido muito preciso: elas o codificam, codificam os fluxos do desejo (Deleuze e Guattari, 2010a, p. 185).

O desejo é produzido a partir do múltiplo material e imaterial, não é fixo. No decorrer da análise dos autores, esse desejo múltiplo é capturado, ou captado via produção subjetiva que chega ao coletivo, onde o desejo em diversos contextos não é produzido a partir das nossas referências, mas via outros corpos (ou máquinas). Significa dizer que nossos desejos, em grande medida, não são genuinamente nossos, mas referências do outro, para nos encaixarmos na realidade em que vivemos.

Nesse sentido, o sistema capitalista *captura* nossos desejos e nos constitui a partir de sua existência. Apesar de todo o constructo crítico da teoria do desejo dos autores, muitas das vezes eles são considerados acríticos, ou que romantizam demais pela *imaterialidade* de suas concepções. Mas o principal trunfo desta análise é a crítica aos múltiplos agentes de transformação do desejo, ou as máquinas de guerra, as *molaridades* espaço-temporais que reforçam um desejo que chamaremos aqui, grosseiramente, de *desejo alienado*.

Da produção do desejo ao desejo de migrar

Multiplicidade e subjetividade são peças-chave para compreender a teoria do desejo deleuze-guattariana. Se no livro *Anti-Édipo* eles “abrem alas” para o desejo-produção, em *Mil Platôs* há um amadurecimento, sobretudo aqui ao que nos interessa: as estratégias ou as micropolíticas do desejo (Guattari, 1987). Entrelinhas, Deleuze e Guattari delineiam o capitalismo enquanto constituinte de processos de desterritorialização e reterritorialização. Muito disseminados na geografia brasileira por Haesbaert (2011; 2021), são elementos importantes para impulsionar o que nomeamos de *desejo alienado*: A multiplicidade e a suas dimensões (rizomas, platôs e desterritorialização), o poder da linguagem para compor significantes e significados a partir do desejo; e as cartografias da desterritorialização para novos territórios (das máquinas de guerra às molecularidades potenciais, possíveis pelas subjetividades).

Para os autores, tanto o desejo quanto sua desterritorialização não passam por um critério dualista de positivo ou negativo, polarizado por um reflexo da ciência moderna, pois ele é múltiplo. Se o desejo é produção, quando nós dotamos de uma linguagem e um significado, nós *desterritorializamos* e produzimos uma nova territorialização. Isso vale para conceitos, travessias e estratégias de mobilidade e permanência (Martins, 2019; 2024). Reverberam o conjunto de produções e trajetórias os agenciamentos, isto é, a produção coletiva das ações a partir do desejo.

Os agenciamentos, que são diferentes de agências, constituem ora desejos deslegitimados pela opressão e violência, definido pelos autores como máquina de guerra, ora potências para estratégias inerentemente políticas como *molecularidades*.

Em um exemplo prático: uma liderança comunitária pode ser uma representação de poder que não necessariamente representa a sociedade marginalizada, pois sua territorialidade perpassa inúmeras relações de poder e violência, mas é subordinada a uma presença ausente do Estado

com relação a população que corroboram a necessidade de liderar um movimento estratégico.

Relações de poder e violência /máquinas de guerra podem ser articuladas pela sociedade civil organizada, tal como estratégias de potência para o plural, o diferente e o diverso são frentes de resistência às ordens espaciais estabelecidas. É aí que os fluxos migratórios são promotores diretos de *molecularidades*.

Diante dos agenciamentos, o desejo é político e o desejo de migrar, como já discutido em alguns outros trabalhos (Martins, 2013; 2019a; 2019b) potencializam estratégias de mobilidade e permanência. As estratégias de mobilidade e permanência não são fixas nem congelam, no tempo e no espaço, novos desejos de migrar. Elas possibilitam novas relações socioespaciais de vínculo, de partida e de manifestação crítica e política aos discursos produzidos pelo desejo das *outras e dos outros*, *criminalizantes*, violentos, xenófobos, produzidos como contraposição à migração ou que reverberam migrantes como problemas para os espaços, como problema “migrante-problema” (Martins, 2013).

SOBRE O DESEJO DE MIGRAR: LEITURAS ESPACIAIS

Migrar envolve inúmeras camadas de decisão. Pelo tempo e trajetória de estudos, vejo a impossibilidade de não se afetar com a práxis de migrar e com os sentimentos e andamentos dos projetos que existem e são plurais a depender da nacionalidade, do grupo racial/étnico, da fronteira cruzada e das transitoriedades inclusas nas travessias. Implica dizer que migrar não vem de um projeto feliz e de conquistas, muito pelo contrário, nasce, em grande medida, do sofrimento e da adversidade, da violência e das inúmeras tentativas de i-mobilidade.

Tais projetos e/ou travessias também são políticas e migrantes não são destituídos de promoção contra o preconceito, por garantia de acesso a direitos e à cidadania, bem como justiça espacial no lugar que chegam. Essa garantia possibilita um importante diálogo e constrói, conforme Martins (2019, 2021, 2024) estratégias de mobilidade e permanência.

São estratégias de mobilidade as que permitem que migrantes se mobilizem, espacialmente, territorialmente e politicamente – no *fazer-se* enquanto agente político. São as que atuam no princípio da mobilidade e estão diretamente vinculadas à produção do desejo de migrar, que não cessa. Independente das camadas de necessidades que as e os migrantes demandam

que, em geral, se dá pela busca de trabalho. O que desencadeia uma confusão epistemológica, pois o trabalho é, portanto, um dos agenciamentos migrantes, não menos importante que outros, mas que, como sabemos, são demandas negligenciadas e subjugadas, além do caráter profundamente exploratório e violento a que migrantes enfrentam em postos precarizados.

As estratégias de mobilidade acionadas por agenciamentos do desejo de migrar não estão alheios a inúmeros contextos e, ratifico, não são absortos à exploração e subserviência, que ocasiona casos extremos de violência e muitas vezes morte de migrantes em vários lugares do mundo. São exatamente por serem estratégias advindas tanto de migrantes quanto de outros agentes, como Estado, mercado, mídia e mesmo a sociedade civil que promovem tais territórios cujos desejos e *molecularidades* migrantes são escamoteados.

Ao passo que as estratégias de mobilidade estão no espaço dos acontecimentos, as estratégias de permanência são mobilizações para o permanecer. Da casa alugada e organizada para a família às relações estabelecidas no lugar chegado, até a efetiva participação política em associações para migrantes, representações em reuniões coletivas, manifestações a favor de mais acesso a garantia de direitos e serviços básicos, dentre muitas outras ações.

No espaço-tempo das estratégias de mobilidade e permanência das e dos migrantes, coabitam as estratégias de outros agentes: públicos, privados, sociais, culturais, que não necessariamente estão e são a favor do desejo de migrar, de mobilizar e/ou de permanecer. Ficam evidentes no Brasil, a partir da última década de 2010, o embate dessas estratégias com as lacunas o qual o Estado e demais agentes reforçam o escamoteamento e o mascaramento das demandas legítimas que suprimam – ou como Deleuze e Guattari, des-territorializam – os desejos diante das táticas muitas vezes frente a situações extremamente adversas.

Na geografia, multiplicidade e desejo têm sido exploradas por teóricos sobretudo na escala anglo-saxã, como Doreen Massey (2008) ao tratar das geometrias de poder e das *stories-so-far*, e Jørgen Carling (Carling *et. al.*: 2018; 2021) ao apontar as aspirações por migração, a partir de relações como habilidade de migrar, imobilidade involuntária e aspiração por migrar. No Brasil, os trabalhos de Martins (2013, 2018, 2019, 2021, 2023, 2024) procuram refletir sobre as estratégias de mobilidade e permanência ligadas à produção do desejo de migrar, vinculado aos agenciamentos entre migração, migrantes e demais agentes envolvidos.

Nesse sentido, o desejo de migrar não pode ser definido com uma simples ausência, ou uma relação de falta àquilo que a e o migrante porventura não teriam no lugar deixado, mas a um constructo de suas táticas políticas no espaço, articuladas desde a sua travessia até sua permanência e eventualmente suas novas mobilidades. Ocorrem paulatinamente tentativas de i-mobilidade e o jogo ilusório da permanência, atravessados pelo discurso de que a migrante e o migrante são efêmeros nos espaços, o que inviabiliza uma temática mais consistente para melhor assistência e promoção de igualdade de direitos, sobretudo de igualdade material, princípio constitucional no Brasil, por exemplo.

Migrar não deve ser um crime, nem um problema para quem o quer. Dar condições espaciais para a mobilidade é salutar para dirimir discursos de criminalização, violência, além de situações adversas implicadas na deslegitimação desse direito, e desse desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui é apresentado um esforço de análise para compreender e propor políticas migratórias mais contundentes a partir de novos arranjos teóricos. Considerando as abordagens clássicas e contemporâneas naquilo que chamamos de geografia das migrações, o caminho a trilhar é imenso e produtivo.

Partir de abordagens contemporâneas nos ajuda também a alargar a compreensão e reflexão da práxis migratória e as angústias desse processo, principalmente para migrantes pobres, que geralmente são os que mais sofrem violência, seja na escala local, daqueles que participam da travessa, seja na escala institucional.

Dois entendimentos se vinculam ao que foi exposto: primeiro, o desejo de migrar não se relaciona necessariamente com a voluntariedade e *involuntariedade* da migração, ainda mais se pensarmos nas definições entre migrantes e refugiados. Consiste produção de novas subjetividades no processo de mobilidade e permanência. Por isso, também, o desejo deriva da ação e construção política, que não descarta a ação forçosa, na maioria dos casos que ocorre os processos de mobilidade.

Em segundo, o desejo de migrar, a partir da leitura aqui, não se limita a um capricho, mas a essas estratégias políticas que vão de encontro ao estabelecido, à tentativa de fuga e de sobrevivência, seja pela ordem do trabalho, da família, da vida, mas também da morte.

Nesse sentido, o desejo de migrar é uma das táticas possíveis para compreender a complexidade e a multiplicidade migrante na produção constante de estratégias de mobilidade e permanência, que produzem e perfazem geometrias de poder no espaço e reconfiguram novas espacialidades através das migrantes e dos migrantes, a partir de espectros políticos, sociais, culturais e da larga visão crítica que são estabelecidas as máquinas de guerra para quem migra e quem deseja mobilizar e permanecer. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASLANY, Maryam; CARLING, Jorgen; MJELVA, Mathilde B.; SOMMERFELT, Tone. **Systematic review of determinants of migration aspirations**. QuantMig Project Deliverable D2.2. Southampton: University of Southampton, 2021.

ARANGO, Joaquín. Explaining Migration: A Critical View. **International Social Science Journal** 52, p. 283-296, 2000.

BAILEY, Adrian. Population geography: lifecourse matters. **Progress in Human Geography**, v. 33 n.3, p. 407-418, 2009.

CARLING, Jorgen ; COLLINS, Francis. Aspiration, desire and drivers of migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**. V. 44, n. 6, p. 909-926, 2018.

BAKEWELL, O. Some Reflections on Structure and Agency in Migration Theory. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 36(10), 2010.

BOMTEMPO, Denise. Dispersão territorial controlada das migrações internacionais no Brasil. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 46, 2024.

BERNARD, Aude [et al]. **Comparing Internal Migration across the Countries of Latin America: A Multidimensional Approach**. In: PLoS ONE 1, 2017.

COLLINS, F. L.; CARLING, J. (org.). **Aspiration, Desire and the Drivers of Migration**. 1. ed. London: Routledge, 2019.

COLLINS, F. L.; CARLING, J. (org.). MJELVA, MB. **Survey instruments and survey data on migration aspirations**. QuantMig Project Deliverable D2.1. Southampton: University of Southampton, 2021.

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro. Editora 34, 2010b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 1. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 2. Rio de Janeiro. Editora 34, 2008a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol 3. São Paulo: Editora 34, 2008b.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1911/1972 v.22.
- ESIPOVA, Neli; SRINIVASAN, Rajesh; RAY, Julie. Global Desires to Migrate. In: BESHAROV, Douglas J.; LOPEZ, Mark H. (eds.). **Adjusting to a World in Motion: Trends in Global Migration and Migration Policy**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 21-57.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GIDDENS, Antony. **Dualidade da estrutura: agência e estrutura**. Lisboa: Celta Editora, 2000.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, 2021.
- JENNISSEN, R. Cadeias de Causalidade na Abordagem de Sistemas de Migração Internacional. **Pesquisa Populacional e Revisão de Políticas**. V. 26, p. 411-436, 2007.
- MASSEY, Dooren. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2008.
- MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. **Worlds in motion: Understanding international migration at the end of the millennium**. Oxford, England: Clarendon Press, 1998.

MARTINS, Isis do Mar M. **A cidade, o migrante, o espaço – o migrante nordestino na cidade do rio de janeiro: suas estratégias e seus agenciamentos.** Dissertação de mestrado em Geografia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

MARTINS, Isis do Mar M. A imigração haitiana na perspectiva da imagem-ação. **Travessia** (São Paulo), v. 84, p. 127-140, 2018.

MARTINS, Isis do Mar M. **Por uma geografia das migrações: estratégias de mobilidade e permanência em migrantes haitianos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. v. 1. 212p.

MARTINS, Isis do Mar M. Estratégias de mobilidade e permanência na interface dos agenciamentos migrantes. **Travessia**, v. 1, p. 115-129, 2019.

MARTINS, Isis do Mar M. Migração em suas abordagens metodológicas: balanço e novos desafios. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; DOURADO, Auceia Matos; FREDRICH, Maria Salomé Lopes (Org.). **Diálogos e práticas no campo da pesquisa qualitativa.** 1ed. Ituiutaba: Barlavento, 2021, v. 1, p. 339-369.

MARTINS, Isis do Mar M. Geografia da família, aspectos teóricos e abordagens qualitativas: uma introdução. **Geografares**, n. 34, 2022.

MARTINS, Isis do Mar Marques; ANTUNES DE ASSIS, Kamilly. A geografia das mulheres nas famílias brasileiras periféricas: gênero e política no espaço familiar. In.: **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 59, p. 74-101, 2023.

MARTINS, Isis do Mar Marques. Agenciadores, discriminação e mundo migrante: um debate necessário no Brasil. In: Helion Póvoa Neto; Miriam de Oliveira Santos. (Org.). **Brasil, imigração e emigração: desafios da interdisciplinaridade na pesquisa de processos históricos e contemporâneos.** 1ed.São Leopoldo: Oikos, 2024, v. 1, p. 110-124.

MARTINS, Isis do Mar Marques; GRISI, Dalliana Ferreira Brito. Mulheres entre os movimentos sociais e os movimentos “de ordem”: a luta contra a desigualdade de gênero nas políticas habitacionais. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 53 a 58, 2025.

RAVENSTEIN, Ernst. The Laws of Migration. **Journal of the Statistical Society of London** . V. 48, n. 2, p. 167-235, 1885.

RAVENSTEIN, Ernst: The Laws of Migration. **Journal of the Royal Statistical Society** V52, n 2, p. 241-305, 1889.

REES, P.; LOMAX, N. Ravenstein Revisited: The Analysis of Migration, Then and Now. **Comparative Population Studies**. V. 44, p. 351-412, 2020.

ROWE, F.; BELL, M.; BERNARD, A.; CHARLES-EDWARDS, E.; UEFFING, P. Impact of Internal Migration on Population Redistribution in Europe: Urbanisation, Counterurbanisation or Spatial Equilibrium? **Comparative Population Studies**. V. 44, p. 201-234, 2019.

ROSSINI, Rosa Ester. **Contribuição ao estudo do êxodo rural no estado de São Paulo**. São Paulo, USP/FFLCH, 1975.

SANTOS, Gislene. El Plan Nacional de Frontera en Brasil: ¿Un nuevo proceso de militarización?. **Revista Latinoamericana de Derechos Humanos**, [S. l.], p. 187-197, 2017.

SASSEN, Saskia. **Losing control? Sovereignty in an age of globalization**. New York: Columbia University Press, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. **O migrante e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Editora Contexto, 1998

SIRKECI, Ibrahim; ESIPOVA, Neli. **Turkish migration in Europe and desire to migrate to and from Turkey**. London: Transnational Press London, 2013.

EDITOR DO ARTIGO

Cláudio Luiz Zanotelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

claudio.zanotelli@ufes.br

Artigo recebido em: 28/11/2025

Artigo aprovado em: 24/02/2026

Artigo publicado em: 26/02/2026